

Literatura infanto-juvenil: formação do leitor

Ariadne Borges Coelho,
Julia Grazielle dos Santos Sousa

RESUMO

Este artigo destaca, primeiramente, a relevância do conceito de leitura e como as práticas de incentivo às crianças, por meio da literatura infanto-juvenil, podem atuar como aliadas na tarefa de formação de leitores críticos e reflexivos. Este estudo visa sublinhar o papel do professor, enfatizando a relevância da escola como espaço de formação do leitor. Por meio da metodologia do estudo bibliográfico, também será enfatizado o dever dos pais no processo de aquisição da leitura. Essa parceria apóia o despertar para a literatura infanto-juvenil, trazendo relevância para a família no processo de aquisição da leitura. Partindo da ideia de que os verdadeiros leitores devem se descobrir e refinar suas escolhas no mundo da leitura, entende-se como é fundamental despertar os alunos para a descoberta dos diferentes gêneros literários, gerando frutos para seus próprios clássicos. COSSON (2018), ZILBERMAN (1998) e CÂNDIDO (2012) contribuirão para este estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Literatura Juvenil; Educação

ABSTRACT

This article firstly highlights the relevance of the concept of reading and how practices of encouragement for kids, through juvenile literature, can act as an ally in the task of critical and reflective readers formation. This study aims to underline teacher's role, emphasizing school relevance as a space for reader's training. Through bibliographic study methodology, parents duty in the reading process acquiring will also be emphasized. This partnership supports awakening for juvenile literature, turning up relevance of the family in the habit of reading acquiring. Whereas the idea that true readers must discover themselves and refine their choices in the world of reading, it is understood how is essential to awaken students to discover the different literary genres, creating the fruition for their own classics. COSSON (2018), ZILBERMAN (1998) and CÂNDIDO (2012) will contribute to this study.

KEYWORDS: Reading; Juvenile Literature; Education

Tendo em vista a relevância da leitura em todo o contexto social, e o desafio de que ela seja uma prática constante e prazerosa no meio escolar, o professor juntamente com a família tem um papel primordial nesse processo, ou seja, incentivar essa prática desde a infância das crianças, para que dessa maneira elas possam se tornar adultos leitores. Os docentes juntamente com a escola devem buscar por recursos que possibilitem um melhor ensino da leitura juntamente com a literatura infanto-juvenil com o objetivo de colaborar no processo de ensino-aprendizagem do estudante, tornando-o cada vez mais eficaz.

Diante da dificuldade e desmotivação de alguns estudantes no ambiente da sala de aula, trabalhar com a literatura e leitura é um desafio, mas é preciso para que os indivíduos possam se inserir na sociedade, e para isso é necessário que o hábito pela leitura e prazer pela literatura sejam resgatados em meio ao ambiente escolar com a aplicação de novos instrumentos pedagógicos incentivadores do ensino-aprendizagem para que os docentes possam formar cidadãos mais críticos e reflexivos em meio ao ambiente em que estão inseridos.

Sendo assim, a literatura se faz pertinente no meio social auxiliando ao indivíduo a adquirir conhecimento sejam eles na compreensão de textos, escrita e em sua própria formação. Diante disso, surge a seguinte pergunta: como a literatura infanto-juvenil pode influenciar no prazer e gosto pela leitura na escola?

O interesse pelo tema deste artigo/pesquisa surge diante da observação de práticas de incentivo à leitura como contação de histórias vivenciadas e intermediadas na creche que atende à filha da estudante. Surge a inquietação em saber se a literatura infanto-juvenil juntamente com a leitura estimuladas desde o primeiro contato da criança com a linguagem, histórias e livros seria um facilitador dessa prática na escola, tendo em vista a contribuição da família visando formação de possíveis alunos leitores. Como suscitar o interesse dos alunos para a leitura do texto literário?

Sendo assim, o objetivo geral deste artigo é possibilitar uma reflexão sobre o trabalho com a literatura-infanto juvenil como facilitadora da leitura e formação do senso crítico dos educandos. Os objetivos específicos são: verificar como a leitura e literatura infanto-juvenil são essenciais no desenvolvimento de um aprendiz e como deve ser incentivado desde a infância; explicar a contribuição da contação de histórias na vida de um infante e o seu destaque para a formação de um futuro leitor.

A literatura infanto-juvenil

Desde o surgimento da literatura infantil não houve uma preocupação em criar uma literatura significativa, mas sim formativa, mostrando que ela tinha um papel utilitário-pedagógico. A literatura infantil surgiu na Idade Média, e reproduzia as ideologias burguesas. A partir dos irmãos Grimm é que surge a preocupação com a infância, no início do século XIX, em 1812, eles publicam seus contos de fadas. E a partir deles as pessoas procuravam ensinar boas maneiras e educar seus filhos.

O papel da escola na formação do leitor é bem visível, quando se percebe na intenção moralizante o desejo de doutrinar a criança para a obediência às normas vigentes, sem que ela possa questioná-las. Contudo, escola e literatura infantil, após um longo período de reprodução do “status quo”, podem hoje reformar a visão de mundo de crianças e adolescentes por terem na figura do professor um possível aliado. Este deve ser um sujeito ativo, consciente e estar comprometido com a renovação através da arte. A literatura infantil na escola pode revolucionar tanto os métodos de ensino, quanto o pensamento, a conduta dos alunos e consequentemente a sociedade (ZILBERMAN, 1998, p.23).

O trabalho com a literatura para os pequenos não tinha o seu devido valor sendo considerada “menor”, onde era privilegiado o aspecto pedagógico da obra. Na metade do século XX, a literatura era um meio de dominação carregada de ideologias que tinham como objetivo controlar a família e o estado, mas o foco é retratar a importância da literatura infanto-juvenil para a formação do futuro leitor.

Porque a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores. E não é porque estes ainda não alcançaram o status de adultos que merecem uma produção literária menor (ZILBERMAN, 1998, p. 23).

Formar estudantes leitores é um desafio que muitos docentes têm encontrado em seu caminho. Mediante a relevância da leitura em todo o contexto social, é primordial que a criança tenha contato desde os seus primeiros anos de vida com os livros para a formação de um futuro leitor.

A literatura trabalhada em meio à sala de aula com textos fragmentados, como aponta Cosson (2018), não é ensinada de maneira adequada, pois é apenas um recurso pedagógico com intuito de mostrar aos aprendizes as características literárias de um determinado período.

A literatura infanto-juvenil se proposta de maneira correta, auxilia o educando na escrita, compreensão de textos, desenvolvimento social e moral. De acordo com Cosson (2018, p. 23) “a literatura não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”, ou seja, existe a necessidade de o professor repensar o ensino do texto literário e a leitura no ambiente escolar.

Não basta que os estudantes se interessem pela literatura infanto-juvenil, ela tem que fazer sentido, senão de nada adianta. É preciso motivar o gosto pela leitura de tal maneira que o aluno tenha seus próprios clássicos. É uma maneira com que os aprendentes entrem no mundo da leitura e literatura demonstrando seu valor no desenvolvimento desses, expondo o quanto o hábito de leitura pode influenciar na vida de uma criança.

O trabalho com a literatura deve despertar o interesse intelectual de um indivíduo e tem um papel expressivo em gerar o gosto literário. Para a construção de uma sociedade que saiba o real papel da leitura, e não somente o fato de decodificar e codificar símbolos, segundo Solé (1988) a capacidade de compreensão e interpretação de textos de diversas naturezas, formam indivíduos mais autônomos.

A literatura na escola tem diversos aspectos importantes entre eles provocar o senso crítico do aluno, formar um cidadão capaz de agir na coletividade. Não se pode esquecer a atualidade que o texto literário carrega conforme Cândido (2012) é necessário que as pessoas tenham acesso à literatura para entender problemas que se relacionam com a sociedade em que vivemos.

Ainda conforme Cândido (2012) a literatura possui uma função social e psicológica. Ela é uma maneira de reflexão acerca do mundo e de nossas atitudes como ser humano, visando o crescimento como pessoa.

Cabe aos professores e à família resgatar o gosto pela literatura, pois

a literatura, que durante séculos ocupara um papel relevante na vida social, tornou-se cada vez menos importante. Na ‘sociedade do espetáculo’, a escrita literária fica confinada a um espaço restrito na mídia, pelo fato de se prestar pouco à espetacularização (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 177).

Tendo em vista a indispensável presença do ensino da literatura infanto-juvenil o professor tem o papel essencial de “despertar o interesse pela arte literária, em separado, ou seja, oculto àquela beleza gratuita que, nos grandes tempos, define a obra-prima” (MEIRELES, 1984, p. 35). Não se esquecendo de que a família é fundamental nesse processo.

Para que a literatura seja apreendida desde a infância, as práticas pedagógicas devem ser eficazes. A contação de histórias é uma possibilidade para ampliar o interesse de crianças e adolescentes.

Contação de histórias

A contação de histórias não surgiu agora: é um hábito que vem desde a antiguidade quando as bisavós contavam histórias aos netos com a finalidade de expressar costumes e valores de determinada época, continua sendo uma prática atual que foi passada de geração em geração e ainda perdura nos dias de hoje. É uma maneira de deixar as inquietações e dar sentido a vida.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p.4)

A maioria das crianças começa a ir à escola a partir dos 4 a 5 anos, muitas vezes elas iniciam seu primeiro contato com os livros, outros infantes e o professor (a), nesse período a escola é algo novo. E a partir daí, surge a oportunidade de iniciar o processo de leitura por meio da contação de histórias. Embora alguns pimpolhos já tenham tido contato com os livros por intermédio dos pais.

Quanto mais cedo as histórias orais e escritas forem inseridas no cotidiano infantil, maiores serão as chances das crianças desenvolverem o gosto pela leitura. Primeiramente, a criança escuta a história lida pelo adulto, depois conhece o livro como um objeto tátil que ela pode tocar ver e tentar compreender as imagens por meio da percepção. O contato da criança com a literatura é considerado essencial para a sua formação como futuro leitor. Diante das considerações acima, pode-se dizer que o contato com as histórias infantis é um momento oportuno para convidar o pequeno leitor a participar de um processo interativo, visto que, as crianças nessa faixa etária, necessitam serem despertadas para uma aprendizagem mais lúdica e prazerosa (SANTOS, 2009, p. 11).

Contar histórias é inserir os pequenos no mundo da imaginação, despertar a criatividade, deixar que ela construa seus próprios pensamentos, seus primeiros rabiscos. Isso ajuda no seu desenvolvimento melhorando a linguagem e conhecimento sobre determinados fatos que acontecem a sua volta.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com jeito de escrever do autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É aprender História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1997, p.17). (adaptado)

Cabe ressaltar que contar histórias não é coisa de criancinha, mas uma maneira do ser humano se desenvolver como um indivíduo capaz de interagir, escolher e refletir sobre as suas necessidades.

O período da educação infantil é o momento mais propício para a formação de um leitor conforme explicitado por Bamberger (1991, p.64) “se os pais e professores do jardim de infância se compenetrarem de que o estímulo precoce é o mais eficaz e de que o treino da linguagem é essencialmente necessário [...] incentivarão as crianças a folhear livros [...]”.

Levando em consideração que contar histórias é uma atitude chamativa que motiva e estimula o interesse da criança, cabe utilizar a criatividade para tornar a história marcante, com o uso de imagens, música e fantoches, fazendo desse momento um período de lazer e interatividade.

Conforme Vieira (2004, p.5) a contação de histórias pode ser iniciada no seio familiar através dos pais, que podem fazer isso antes que os filhos durmam, podem deixar que os infantes contem as suas experiências presenteando-os com livros são fatores que motivam o hábito e prazer pela leitura, levando em consideração que a escola não pode ser eximida de sua função nesse processo.

A educação da criança para a leitura e contato com a literatura infanto-juvenil, se inicia quando se chama a atenção para atividades de contação de histórias, rodas de leitura, deixando que o conhecimento seja construído pelo próprio indivíduo.

Para que um estudante seja letrado é preciso que ler seja primordial em sua vida, e que ele possa identificar quais os seus gostos e preferências. A literatura é fundamental para que ele conheça o mundo e forme seus conceitos e opiniões sobre determinados assuntos.

Trabalhar a literatura infanto-juvenil vai bem além de formar um leitor, inclui inserir o indivíduo em meio à coletividade capacitando-o a agir, conhecer e modificar o ambiente em que está inserido.

Diante disso, podemos entender que a literatura é uma auxiliadora no processo de leitura e não pode ser ensinada de qualquer maneira ela deve ter significado para aquele que lê, sendo um meio de transformação.

A leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Ela favorece a remoção de barreiras educacionais, concedendo oportunidades mais justas de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento intelectual e

aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de cada indivíduo (BAMBERGER, 1991, p. 10).

Contar histórias é um hábito que já está embutido no ser humano e é utilizado a todo instante, seja no relato de uma situação, um filme, um livro qualquer fato vivenciado em nossa vida é motivo para se tornar uma história, diante disso é importante que o docente aproveite isso como recurso para formar o seu leitor.

Os contos de fadas

Os contos de fadas são fundamentais para o crescimento do leitor e auxiliam as crianças em seus conflitos interiores além de ser um mecanismo de transmissão de valores, aguçando a capacidade de pensar, refletir e agir em grupo, por isso o estudo da literatura infanto-juvenil se faz essencial.

Considerando que a contação de história é um fator fundamental para o avanço do ensino-aprendizagem, e por meio de história é que temos a nossa memória como povos e cultura preservada, sendo assim as histórias são fontes de conhecimentos.

Para crianças o conto de fadas é uma forma de incentivar o gosto pela leitura, sendo instigante e de fácil entendimento, além do ensinamento que pode trazer aos pequenos.

As histórias de fadas são uma forma de colocar o infante diante de problemas capacitando a resolver, para Abramovich (1999, p.121), os contos de fadas acontecem em um ambiente preciso para que a criança tenha a noção de que a vida não é um eterno mundo da fantasia, por isso eles mantêm uma estrutura fixa.

A literatura infantil é primordial para a evolução de um leitor com boas práticas de leitura na vida adulta e os contos são fundamentais nisso, sendo assim Abramovich (1999, p.121) relata que “por lidar com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes perpetuando-se até hoje”.

Os contos de fadas trazem situações que podem acontecer na realidade de qualquer indivíduo seja ter que conviver com uma madrasta, ter cuidado com o lobo mal ou lidar com a morte. Estas histórias mostram as dificuldades e desafios, que é preciso estar preparado para vivenciar, reconhecer e até evitar situações .

O intuito é demonstrar diversos caminhos para o incentivo à leitura desde a infância por meio de contos, fábulas e lendas, o importante é que desde cedo os pequenos tenham familiaridade com os livros, inclusive digitais, visto que a tecnologia deve ser uma aliada neste processo, pois hodiernamente as crianças estão mais conectadas e é preciso aproveitar este contato com o mundo da literatura infanto-juvenil, influenciando no prazer e gosto pela leitura na escola e em casa.

Professor mediador

Vale lembrar que a responsabilidade de formar um aluno leitor não está voltada apenas para a escola, mas também a família com sua parcela de contribuição. A escola é onde o estudante passa um período de sua vida, diante disso, o professor deve fazer o seu papel incentivando não somente a leitura, mas a escrita e compreensão.

O docente deve exercer o seu papel de mediador do conhecimento de seu aluno, ajudando-o a criar hábitos, para isso ele deve ser um leitor assíduo para que possa plantar isso por onde for. O estudante leitor começa com essa prática desde pequeno e o preceptor é uma ferramenta essencial nesse processo, pois os dois convivem no ambiente escolar que é propício para a aquisição da leitura e conhecimento da literatura. O docente precisa encantar e cativar os aprendizes ao mundo dos livros. Desta forma se desenvolve um bom leitor.

Segundo o pensamento de Lerner (2002), os alunos devem ler através do professor e assim ele exercerá o seu papel de mediador. De acordo com Freire (1999, p.29), “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz de sua tarefa docente, não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”.

Existe uma grande responsabilidade remetida ao educador, que é ser o formador de alunos leitores não somente na escola, mas para a vida e não somente isso, ele é responsável também pela formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.

Segundo o pensamento de Zilberman:

A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (ZILBERMAN, 2003, p.16).

Atuar no cenário educacional brasileiro pode ser desafiador, mas também uma grande realização, pois é no ambiente escolar que diversos educadores acompanham o desenvolvimento e crescimento dos estudantes. Certamente, a responsabilidade de inovar não é só do educador. É necessário um ambiente institucional onde os gestores favoreçam o desenvolvimento de novas perspectivas pedagógicas, seja por meio do incentivo a novas técnicas, seja por meio do adequado apoio aos profissionais envolvidos.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento que tem por objetivo ser referência para a educação brasileira orientando a maneira como deverão ser elaborados os currículos das escolas, propostas pedagógicas visando melhorar a qualidade do ensino de maneira que todos possam ter acesso.

Mediante termos legais a BNCC surge com um mecanismo de compromisso das autoridades com a melhoria da educação em todos os sentidos tendo em vista não somente o desenvolvimento intelectual, mas também a maneira como o estudante agirá no mundo após sair da escola.

No Ensino Médio, as Linguagens e suas Tecnologias tem como foco a autonomia do aluno, mostrando a ele diversas maneiras de utilizar as linguagens identificando-as e criticando-as, dando a ele o poder de se envolver da maneira que for necessário tanto artisticamente ou culturalmente, não se esquecendo que com esse aluno deverá ter acesso as diversas mídias utilizando-as.

No Ensino Fundamental a Literatura é prioridade do trabalho com os estudantes, e isso deve permanecer no Ensino Médio, pois a literatura deve ser a base

desses estudantes ainda mais se tratando de alunos que estão finalizando o ensino básico. De acordo com a BNCC:

Por força de certa simplificação didática, as biografias de autores, as características de épocas, os resumos e outros gêneros artísticos substitutivos, como o cinema e as HQs, têm relegado o texto literário a um plano secundário do ensino. Assim, é importante não só (re)colocá-lo como ponto de partida para o trabalho com a literatura, como intensificar seu convívio com os estudantes. (BNCC, Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, 2017, p.491)

A literatura desperta o senso crítico e permite a quem lê a refletir acerca do mundo. A BNCC no que se refere ao campo de atuação social subdivide-se em “campo da vida pessoal, campo artístico-literário, campo da prática de estudos e pesquisa, campo jornalístico-midiático e campo de atuação na vida pública.” (2017, p.493)

No que se trata da literatura na BNCC (2017, p. 495) encontra-se pautada no campo artístico-literário onde é notável que existe a preocupação em dar continuidade a “formação do leitor literário e o desenvolvimento da fruição”.

É necessário que exista um trabalho voltado para a formação continuada dos educadores seja em literatura ou em qualquer outra área, o importante é que ele exerça o seu papel com eficácia e que assim a aprendizagem dos estudantes tenha significado.

As aulas de Língua Portuguesa, com ênfase na Literatura, são relevantes para a formação de um leitor ativo. Diante disso cabe salientar a necessidade de um professor mediador conforme a BNCC que possa capacitar e planejar uma aula adequada visando:

Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (slams, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, best-sellers, literatura juvenil brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil. (BNCC, Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, 2017, p. 514)

O orientador é responsável pelas atividades e pelos conhecimentos ensinados em sala de aula conforme a BNCC ele precisa garantir que a aprendizagem seja efetiva, e para isso é necessário que o docente seja inovador, criativo e consciente de sua responsabilidade auxiliando o estudante a melhorar o seu repertório literário e leituras. Como é expresso em uma das habilidades.

(EM13LP45) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica. (BNCC, Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, 2017, p.515)

De acordo com as Base Nacional Curricular para o Ensino Médio (BNCC, 2017), a literatura e arte caminham bem próximas, com o intuito de formar o leitor que tenha fruição, ou seja, tenha a capacidade de desfrutar dos textos literários, das obras artísticas como demonstrando o seu ponto de vista.

Espera-se que os leitores/fruidores possam também reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética.(BNCC, Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio, p.513).

Cabe salientar que a Base Nacional Comum Curricular não se preocupa apenas com a formação de leitor, mas com a formação do ser humano que saiba respeitar as diferenças e refletir cotidianamente sobre a sua vida em sociedade, isso é mais do que um documento que visa ser um padrão, mas uma nova roupagem para a educação brasileira.

o estatuto do leitor e da leitura, no âmbito dos estudos literários, levamos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares de leitura literária. A condição de leitor direciona, em larga medida, no ensino da Literatura, o papel dos mediadores para o funcionamento de estratégias de apoio à leitura da Literatura, uma vez que o professor opera escolhas de narrativas, poesias, textos para teatro, entre outros de diferentes linguagens que dialogam com o texto literário. Essas escolhas ligam-se não só às preferências pessoais, mas a exigências curriculares dos projetos pedagógicos da escola. (OCNEM, 2006,p.72)

O formador deve saber selecionar o que irá trabalhar em sala de aula conforme o que determina o currículo escolar e mediante isso cabe ressaltar o quanto a escola é importante no trabalho do orientador e na formação de alunos leitores.

Conforme afirma Antunes (2001), que o docente esteja sempre procurando inovar e melhorar para que seja um bom professor: “O grande professor será aquele que se preocupa em ensinar ao aluno a ler e compreender um texto e se expressar com lucidez” (Antunes, 2001, p.24).

Escola mediadora

Não podemos responsabilizar a formação de leitores críticos somente ao professor, pois ele não trabalha sozinho. Diante disso, cabe ressaltar o papel da escola como mediadora no processo de leitura e literatura. Conforme Soares (2010,

p.83) “nas sociedades contemporâneas, a instância responsável por promover o letramento é o sistema escolar”.

Toda escola tem o seu Projeto Político Pedagógico. A comunidade escolar apresenta suas contribuições neste documento, além do currículo, e mediante isso, a elaboração de um projeto que contemple todas as exigências dos currículos escolares e necessidades dos estudantes.

Segundo Bortoni-Ricardo et al (2010, p.23) “cabe a escola desenvolver atividades que propiciem que os estudantes progridam em relação ao desenvolvimento de habilidades leitoras.” Diante disso, se pode notar o papel da escola como incentivadora de práticas pedagógicas de leitura.

Para que a escola exerça o seu papel fundamental é preciso romper com as práticas tradicionais.

As relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar. A leitura –como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do contexto histórico-social em que o aluno está inserido – precisa ser mais praticada em sala de aula. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica de mundo. Contudo, esta noção parece perder-se diante de outras concepções que ainda orientam as práticas escolares. (SILVA, 2005, p. 16).

Não se pode esquecer que escola e professores devem caminhar juntos, pois segundo Bortoni-Ricardo et al (2012, p.24) “O papel da escola está diretamente ligado ao do professor como mediador do processo de aquisição de uma cultura letrada pelos alunos, que vai desde sua alfabetização ao seu conhecimento de mundo”. A escola deve ser um ambiente para a leitura e também para a pesquisa conforme Lerner:

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando respostas para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações [...] (2002, p.17).

A formação de um leitor literário vai muito além do fato da decodificação do código linguístico, além da compreensão do que lê ele precisa ser um pesquisador de novos conhecimentos.

Deve existir uma contribuição de ambas as partes no processo de formação de um aluno letrado, e o PPP é importante nisso, além das contribuições da comunidade escolar para projetos voltados ao incentivo e trabalho do texto literário.

A prática pedagógica não depende somente do educador, mas da contribuição da escola como incentivadora da leitura e também disponibilizadora de recursos que auxiliem ao professor na melhoria de sua aula.

Não cabe somente criar o gosto pelo texto literário e incentivar o hábito de leitura é preciso que o aluno aprenda mais que isso, que ele entenda que o conhecimento é necessário para enfrentar situações da vida e não somente para ser utilizado na escola.

Uso de novas tecnologias

A tecnologia avança célere e o ser humano não tem como fugir dela, pois ela está em todo o lugar. Celulares, tablets, notebooks e aplicativos de comunicação facilitam o cotidiano. A cada dia os indivíduos estão mais conectados virtualmente do que presencialmente. Diante disso podemos inferir que:

A tecnologia sempre afetou o homem: das primeiras ferramentas, por vezes consideradas como extensões do corpo, à máquina a vapor, que mudou hábitos e instituições, ao computador que trouxe novas e profundas mudanças sociais e culturais, a tecnologia nos ajuda, nos completa, nos amplia [...] Facilitando nossas ações, nos transportando, ou mesmo nos substituindo em determinadas tarefas, os recursos tecnológicos ora nos fascinam, ora nos assustam... (FRÓES, 2015, p. 1).

Para atrair a atenção do aluno o professor precisa ter uma boa didática e criatividade nesse momento em que a tecnologia surge como um mecanismo facilitador desse processo, se utilizada de forma adequada pois,

Já não se trata de uma questão de escolha entre aderir ou não às tecnologias nos processos educativos. Também não se trata apenas de uma questão de promoção de acesso aos recursos tecnológicos disponíveis, mas sim, uma questão de avaliar e saber como empregar tais recursos nas práticas docentes e no cotidiano escolar: é necessário avançar pela questão da qualidade de acesso, que envolve as possibilidades da rede social; indagar como os estudantes podem aprender mais e melhor com os usos das tecnologias. A partir daí, pensar propostas de uso destas ferramentas que permitam instaurar outros processos de aprendizagem, mais coetâneos com o tempo presente e suas necessidades (QUARTIERO et al., 2012, p. 70).

É necessário o uso destes recursos para ampliação do ensino-aprendizagem. O uso de vídeos, músicas, aplicativos em sala de aula já muda todo o trajeto da turma, pois sai da tradição e passa para a inovação, mas para isso o educador precisa ter um conhecimento dessas tecnologias e para isso é necessário estar atualizado e compreender como elas funcionam.

o professor precisa conhecer as diferentes modalidades de uso da informática na educação – programação, elaboração de multimídia, uso de multimídia, busca da informação na Internet, ou mesmo de comunicação – e entender os recursos que elas oferecem para a construção de conhecimento. (VALENTE, 2005, p. 03)

Os futuros docentes precisam saber como utilizar os recursos tecnológicos disponíveis, adequando-os às metodologias do ensino para cada unidade curricular. O primordial é que as aulas tradicionais se tornem aulas motivadoras e empolgantes para a aprendizagem dos estudantes, pois

Estudantes reagem ao instrucionismo, à medida que descobrem que aprender não é escutar alguém falando, tomar nota e fazer prova. No mundo digital, a comunicação já não exige uma referência física fixa e os estudantes podem criar ambientes virtuais de aprendizagem com grandes vantagens. [...] os estudantes [...] aprendem a desconstruir e a reconstruir sua aprendizagem (DEMO, 2006, p. 27).

As tecnologias são aliadas dos educadores e agora com a Base Nacional Comum Curricular que se preocupa com que os alunos tenham acesso as tecnologias e isso se torne uma prática constante o que mostra uma inovação na educação onde as tecnologias da informação e comunicação (TDIC), deve estar presentes nas salas de aula como recurso pedagógico facilitador do ensino-aprendizagem.

[...] propostas de trabalho que possibilitem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social. Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes. (BNCC, 2017, p.478).

O ensino tem uma longa caminhada pela frente e de avanços dependendo da formação dos futuros professores, pois deve existir essa preocupação, para que a escola seja um lugar de transformação e aprendizagem. É imprescindível que os estudantes e professores saibam como manusear as tecnologias. Com estes recursos existe a possibilidade de se comunicar não precisando estar fisicamente juntos.

Considerações finais

Pode ser um desafio trabalhar na educação, mas certamente há motivação e uma grande realização para aqueles que trabalham com a Educação e o Ensino. Os discentes de Letras, futuros docentes, carregam uma grande responsabilidade que é formar nos estudantes o gosto pelo texto literário e o prazer pela leitura através de novas metodologias de ensino e inovação de suas práticas.

A literatura infanto-juvenil se preocupa com a formação de cidadãos mais críticos e conscientes de suas ações na sociedade, e isso acontece quando pais, estudantes, escola e professores caminham juntos em busca de um só objetivo. Há a necessidade de desenvolver o letramento literário na vida de todos que fazem parte da escola e da sociedade. O educador precisa estar constantemente aperfeiçoando a sua prática e estar atento à formação contínua.

Cabe lembrar que a responsabilidade de formar o leitor não cabe somente ao professor, mas também à escola que deve estar atenta às necessidades do educador em sua jornada. Para a formação de um leitor crítico é imprescindível a renovação do pensamento e da maneira de agir dos futuros docentes, às novas ferramentas de ensino e aprendizagem.

Este estudo mostrou a relevância da literatura infanto-juvenil e a contação de histórias como prática frequente nas aulas de língua portuguesa, demonstrando o quanto o seu estudo é benéfico para que ensino-aprendizagem seja significativo.

Referências

ABRAMOVICH, F. **O estranho mundo que se mostra as crianças**. São Paulo: Summus, 1999.

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 2 ed. Petrópolis: vozes, 2001.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris, MACHADO, Veruska Ribeiro, CASTANHEIRA, Salete Flores. **Formação do professor como agente letrado**. São Paulo: Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Et al. **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola: 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio. curriculares nacionais para o ensino médio**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília 1998.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Revista IEL Unicamp. São Paulo, 2012.

CANTINI, Marcos Cesar et. al. **O desafio do professor frente as novas tecnologias**. In: VI EDUCERE. Curitiba, 2006. p. 57-72.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.

DEMO, P. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. São Paulo. Paz e Terra, 1999.

FRÓES, Jorge R. M. **Educação e Informática: a relação homem/máquina e a questão da cognição**. Disponível em: <http://edu3051.pbworks.com/f/foes+cognicao_aula2.PDF>. Acesso em: 28 ago. 2015.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artemed, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Problemas de literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORAN, José Manuel. **A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora**. Revista Contrapontos. Itajaí, v. 4, p. 347-356, mai/ago. 2004. Disponível em: Acesso em: 20 jun. 2015.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

QUARTIERO, Elisa Maria et al. **Gestão e práticas pedagógicas no âmbito do Programa UCA: Desafios e estratégias à consolidação de uma política pública para a Educação Básica**. In: SAMPAIO, Fábio Ferrentini; ELIA, Marcos da Fonseca (Orgs.). Programa um computador por aluno: pesquisas e perspectivas. Rio de Janeiro: NCE/UFRJ, 2012. p. 69- 78.

SANTOS, Célia de Jesus. **A contribuição da literatura infantil na formação do pré-leitor no centro municipal de educação infantil Dr. Álvaro da Franca Rocha**. 2009. 60 f. Monografia – Departamento de Educação – DEDC I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2009.

SILVA, I. M. M. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema três gêneros**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntico, 2010.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VALENTE, José Armando. **Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador**. Disponível em:<http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1HXFXQKSB-23XMNVQ-M9/VALENTE_2005.pdf> Acesso em: 29 de abril de 2012.

VIEIRA, L. A. **Formação do leitor: a família em questão**. Seminário Biblioteca Escolar, Belo Horizonte, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10 ed. São Paulo: Global, 1998.
_____. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.